ANO XVII | SÃO PAULO | NÚMERO 2

FIDELIDADE NO MÍNIMO

"Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito". É a conscienciosa atenção ao que o mundo chama "coisas pequenas" que torna a vida um sucesso. Pequenos atos de caridade, de abnegação, o dirigir simples palavras de auxílio, a vigilância contra pequenos pecados — isto é cristianismo. Um grato reconhecimento das bênçãos diárias, um sábio aproveitamento das diárias oportunidades, o diligente cultivo dos talentos a nós confiados — eis o que pede o Mestre.

Aquêle que cumpre fielmente os pequenos deveres estará preparado a corresponder às exigências de responsabilidades maiores. O homem bom e cortez na vida diária, generoso e paciente entre sua família, cujo constante objetivo é tornar seu lar feliz, será o primeiro a se negar a si mesmo, e a fazer sacrifícios quando o Mestre o requer...

A mais longa jornada é feita, dando-se um passo de cada vez. Uma sucessão de passos leva-nos ao têrmo da viagem. A mais longa cadeia é composta de elos separados. Se um dêles é defeituoso, a cadeia não tem valor. O mesmo se dá quanto ao caráter. Um caráter bem equilibrado se compõe de isoladas ações praticadas do melhor modo. Um defeito cultivado em lugar de ser vencido, torna o homem imperfeito, cerrando-lhe a porta da Santa Cidade. O que entra no céu deve possuir um caráter sem mancha nem ruga ou coisa semelhante. Coisa alguma que contamine poderá jamais ali penetrar. Em tôda a hoste dos remidos, não se verá defeito algum.

A obra de Deus é perfeita em seu todo, porque o é em tôdas as partes, por mais insignificantes. Êle molda a tênue haste da grama com tanto cuidado como poria em fazer um mundo. Se desejamos ser perfeitos, como é perfeito nosso Pai que está nos céus, devemos ser fiéis nas coisas pequeninas. Aquilo que merece ser feito, merece ser bem feito. Seja qual fôr a vossa obra, executai-a fielmente. Falai a verdade a respeito dos mais insignificantes assuntos. Praticai dia a dia atos de amor, e proferi palavras animadoras. Espalhai sorrisos através da estrada da vida. Ao trabalhardes assim, Deus vos dará Sua aprovação, e Cristo vos dirá um dia: "Bem está, bom e fiel servo". E. G. White.

PREGAR MENOS E EDUCAR MAIS

Por E. G. White

Nossos ministros não devem gastar seu tempo trabalhando pelos que já aceitaram a verdade. Com o amor de Cristo a arder-lhes no coração, devem pôr-se a ganhar almas para o Salvador. Junto a tôdas as águas devem êles lançar as sementes da verdade. Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra, ser estabelecida. Os que se põem do lado da verdade devem ser organizados em igrejas, e então deve o ministro passar a outros campos igualmente importantes.

Logo que seja organizada uma igreja, ponha o ministro os mebros a trabalharem. Terão êles que ser ensinados a trabalhar com êxito. Dedique o ministro mais tempo para educar do que pára pregar. Ensine ao povo a maneira de transmitir aos outros o conhecimento que receberam. Se bem que os novos conversos devam ser ensinados a pedir conselho dos mais experientes na obra, devem ao mesmo tempo ser ensinados a não colocar o ministro em lugar de Deus. Os ministros são apenas sêres humanos, homens rodeados de fraquezas. Cristo é Aquêle de quem devemos esperar guia. "O verbo Se fêz carne, e habitou entre nós,... cheio de graça e de verdade". "E todos nós recebemos também Sua plenitude, e graça por graça". S. João 1:14, e 16.

O poder do evangelho deve sobrevir aos grupos já formados de crentes, habilitando-os para o serviço. Alguns dos novos conversos serão de tal modo cheios do poder de Deus que se porão imediatamente a trabalhar.

Trabalharão com tanta diligência que não terão tempo nem vontade de enfraquecer as mãos de seus irmãos com críticas descobertas. Seu único desejo será levarem a verdade às regiões que lhes estão à frente.

O Senhor me apresentou a obra que há por fazer-se em nossas cidades. Os crentes nessas cidades podem trabalhar por Deus na vizinhança de seus lares. Devem trabalhar calmamente e com humildade, levando consigo, aonde quer que forem, a atmosfera do Céu. Se deixarem fora de vista o próprio eu, apontando sempre para Cristo, haverá de sentir-se o poder de sua influência.

Quando o obreiro se entrega sem reservas ao serviço do Senhor, ganha uma experiência que o habilita para trabalhar para seu Mestre com êxito cada vez maior. A influência que o atraiu a Cristo, ajuda-o a atrair outros. Poderá nunca ser-lhe confiada a obra de orador público, mas nem por isso deixa de ser ministro de Deus; e sua obra testifica ser êle nascido de Deus.

Não é o desígnio do Senhor que se deixe aos ministros a maior parte da obra de semear a semente da verdade. Homens que não são chamados para o ministério, devem ser animados a trabalhar pelo Mestre segundo suas várias aptidões. Centenares de homens e mulheres agora ociosos poderiam fazer obra digna de aceitação. Levando a verdade à casa de seus amigos e vizinhos, poderiam fazer grande obra para o Mestre. Deus não faz acepção de pessoas. Servir-Se-á Êle de cristãos humildes e decididos, mesmo que não tenham recebido instrução completa quanto alguns outros. Empenhem-se em serviço para Deus, fazendo trabalho de casa em casa. Assentados na intimidade do lar poderão — se forem humildes, discretos e piedosos — fazer mais para satisfazer as reais necessidades das famílias, do que o faria um ministro ordenado.

Por que não sentem os crentes preocupação mais profunda, mais fervorosa pelos que estão afastados de Cristo? Por que não se reunem dois ou três e instam com Deus pela salvação de determinada pessoa, e, em seguida, doutra? Forme-

mos em nossas igrejas grupos para o serviço. Unam-se vários mebros para trabalhar como pescadores de homens. Procurem arrebatar almas, da corrupção do mundo, para a salvadora pureza do amor de Cristo.

A formação de pequenos grupos como base de esfôrço cristão, foi-me apresentada por Aquêle que não pode errar. Se há numa igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não sòmente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mùtuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e fôrça do auxílio dos outros. Manifestem êles paciência e longanimidade cristãs, não proferindo palavras precipitadas, mas empregando o talento da palavra para edificar-se uns aos outros na mais santa fé. Trabalhem com amor cristão pelos que se acham fora do redil, esquecendo-se a si mesmos no empenho de ajudar outros.

Ao trabalharem e orarem em nome de Cristo, seu número aumentará, pois diz o Salvador: "Se dois de vós concordarem na Terra acêrca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está nos Céus". S. Mateus 18:19. 3TSM:82-85.

NOTíCIAS DE CURITIBA, PARANÁ

Pela graça de Deus, o trabalho missionário na Capital paranaense toma bom impulso. Há, nesta cidade, como em tôda parte, almas sinceras que estão ansiosas pela salvação. O campo nesta Capital é vasto e as possibilidades na Obra Missionária são vastas também.

Estamos realizando uma série de conferências públicas, ilustradas com projeção luminosa, e muito nos alegra ver o interêsse manifestado pelos assistentes. Em resultado destas conferências, já podemos notar o despertamento que está havendo. Várias famílias já se despertaram e compreenderam a verdade do sábado. Alguns já guardam o dia de repouso de Jeová, enquanto outros se estão esforçando por consegui-lo. Oremos por essas preciosas almas.

Nossas conferências públicas são assistidas semanalmente por 100, 120 ou mais pessoas, entre as quais um bom número vem acompanhando com interêsse as nossas palestras religiosas. Tivemos o ensejo de colocar a Escritura Sagrada na mão de muitos que ainda não a possuiam, e como estão contentes agora ao examiná-la!

A "classe numerosa" está iradíssima contra o povo de Deus (os "antigos irmãos"), mas, a despeito disso, várias pessoas de lá já compreenderam a luz do quarto anjo, e uma senhora já está aguardando com ansiedade o momento de descer às águas. Outra senhora, que havia saido da igreja grande devido às suas apostasias, alegrou-se agora com a mensagem da Reforma e está decidida a fazer parte dos "antigos irmãos".

Outrossim um casal que fazia parte da chamada "Tenda da Cura Divina",

(Continua na pág. 5).

O CULTO DOMÉSTICO

Por E. G. White

Se já houve tempo em que tôda casa deveria ser uma casa de oração, agora é êsse tempo. Prevalecem a incredulidade e o ceticismo. Predomina a iniquidade. A corrupção penetra nas correntes vitais da alma, e irrompe na vida a rebelião contra Deus. Escravas do pecado, as faculdades morais estão sob a tirania de Satanás. A alma torna-se joguête de suas tentações; e a menos que se estenda um braço poderoso para o salvar, o homem passa a ser dirigido pelo arqui-rebelde.

Contudo, nêsse tempo de terrível perigo, alguns que professam ser cristãos não celebram culto doméstico. Não honram a Deus no lar; não ensinam os filhos a amá-lO e temê-lO. Muitos se afastam tanto dÊle que se sentem sob condenação ao dÊle se aproximar. Não podem chegar-se "com confiança ao trono da graça", 'levantando as mãos santas, sem ira nem contenda". Heb. 4:16; I Tim. 2:8. Não desfrutam viva comunhão com Deus. Têm a forma de piedade, sem o poder.

A idéia de que a oração não seja prática essencial é um dos mais bem-sucedidos estratagemas de Satanás para destruir almas. Oração é comunhão com Deus, a Fonte de sabedoria, o manancial de poder, paz e felicidade. Jesus orava ao Pai "com grande clamor e lágrimas". Paulo exorta os crentes a orarem "sem cessar", fazendo em tudo conhecidos os seus pedidos a Deus, em orações e súplicas, com ações de graças. 'Orai uns pelos outros", diz Tiago; "a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos". Heb. 5:7; I Tess. 5:17; S. Tiago 5:16.

Pela sincera e fervorosa oração devem os pais erigir um muro em tôrno dos filhos. Devem suplicar, com plena fé, que Deus entre êles habite, e santos anjos os guardem, a êles e aos filhos, do poder cruel de Satanás.

Em cada família deve haver um tempo determinado para os cultos matutino e vespertino. Que apropriado é reunirem os pais ao redor de si os seus filhos, antes de quebrar o jejum, agradecer ao Pai celeste Sua proteção durante a noite e pedir-Lhe auxílio, guia e proteção para o dia! Que adequado, também, em chegando a noite, é reunirem-se uma vez mais em Sua presença, pais e filhos, para agradecer as bênçãos do dia findo!

O pai e, em sua ausência, a mãe, deve dirigir o culto, buscando um trecho das Escrituras que seja interessante e de fácil compreensão. Convém que o culto seja breve. Se fôr lido um capítulo extenso e feita oração longa, o culto torna-se cansativo e, ao terminar, tem-se sensação de alívio. Deus é desonrado quando a hora de adoração se torna insípida e enfadonha, quando é tão tediosa, tão destituída de interêsse que as crianças lhe têm horror.

Pais e mães, tornai a hora do culto intensamente interessante. Não há razão para que essa hora não deva ser a mais agradável e jubilosa do dia. Algum preparo para ela, habilitar-vos-á para torná-la cheia de interêsse e proveito. De tempos a tempos introduzi variação. Pode-se cantar um hino de louvor. A oração feita deve ser breve e concisa. Com palavras

simples e fervorosas, a pessoa que faz a oração louve a Deus por Sua bondade e peça-Lhe auxílio.

Tomem parte as crianças na leitura e na oração, quando o permitirem as circunstâncias.

A eternidade, sòmente, revelará o bem de que estão revestidos êsses períodos de oração.

A vida de Abraão, o amigo de Deus, era uma vida de oração. Onde quer que armasse sua tenda, junto dela construia um altar, sôbre o qual oferecia os sacrifícios da manhã e da tarde. Ao remover a tenda, o altar ficava. E o errante cananeu, ao chegar àquêle altar, sabia quem ali estivera. Depois de armar a tenda, consertava-o e adorava o Deus vivo.

Assim devem os lares cristãos ser luzes no mundo. Manhã e noite devem dêles ascender a Deus, orações como incenso suave. E como o orvalho matutino, Suas misericórdias e bênçãos descerão sôbre os suplicantes.

Pais e mães: Cada manhã e noite, reuni ao redor de vós os filhos, e com humilde petição elevai a Deus o coração, suplicando-Lhe auxílio. Vossos queridos acham-se expostos à tentação. Contratempos diários juncam a vereda de jovens e velhos. Os que quiserem viver vida paciente, amorosa e alegre, precisam orar. Só recebendo auxílio constante de Deus, poderemos alcançar a vitória sôbre o próprio eu.

Cada manhã consagrai-vos e a vossos filhos a Deus, para êsse dia. Não façais cálculos para meses e anos, êles vos não pertencem.

Um curto dia é o que vos é dado. Como se fôsse êsse vosso último dia na Terra, trabalhai para o Mestre durante as suas horas.

Deponde perante Deus todos os vossos planos, para serem executados ou rejeitados, conforme o indique a Sua providência. Aceitai os Seus planos em lugar dos vossos, mesmo quando sua aceitação exija a renúncia de projetos acariciados. Assim a vida será moldada cada vez mais segundo o modêlo divino; e "a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus". Fil. 4:7. 3TSM:91-93.

(Continuação da pág. 3).

aceitou a tríplice mensagem angélica e o espôso saiu da fábrica, perdendo mesmo a indenização, e já está guardando o Sábado e espera ser batizado em breve, juntamente com sua espôsa. Além disso, êle já está levando a Verdade a outros e, por

Conferência em Curitiba

seu intermédio, mais alguns se despertaram.

Não só na Cidade Sorriso está havendo despertamento, mas também do interior do Estado tivemos notícias de diversos lugares.

Deus seja louvado por essas maravilhas que entre o Seu povo tem obrado! e juntamente com Davi digamos: "Bem-aventurado o povo a quem assim sucede! bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor." Sal. 144:15.

Nada mais podemos fazer do que lançar a semente e orar pela sua germinação. O resto compete a Deus. Oremos, pois, pela Obra Missionária em todo o mundo. Oremos pelos mensageiros que lutam com o ideal de evangelizar, e peço a todos os queridos irmãos que acabam de ler estas notícias: Orai pelo trabalho missionário em Curitiba. Muito necessitamos de vossas orações.

"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós". Amén. *C. P. G.*

DEUS AMA O PECADOR MAS ABORRECE O PECADO

Satanás engana a muitos com a presumível teoria de que o amor de Deus para com o Seu povo é tão grande que Êle desculpará o pecado nêles; êle faz figurar que, conquanto as ameaças da palavra de Deus devam servir para certo propósito em Seu govêrno moral, nunca se devem elas cumprir literalmente. Mas, em todo o Seu trato com Suas criaturas, Deus tem mantido os princípios da justiça, revelando o pecado em seu verdadeiro caráter — demonstrando que seu resultado certo é a miséria e morte. Nunca houve nem nunca haverá perdão incondicional do pecado. Tal perdão mostraria o abandono dos princípios da justiça que constituem o próprio fundamento do govêrnode Deus. Isto encheria de consternação a universalidade dos sêres não caídos. Deus indicou fielmente os resultados do pecado; e, se essas advertências não fôssem verdadeiras, como poderíamos nós estar certos de que Suas promessas se cumpririam? A pretensa benevolência que quer pôr de parte a justiça, não é benevolência, mas fraqueza.

Deus é o Doador da vida. Desde o princípio tôdas as Suas leis foram ordenadas para tôda a vida. Mas o pecado se intrometeu na ordem que Deus estabelecera, e seguiu-se a discórdia. Enquanto existir o pecado, o sofrimento e a morte serão inevitáveis. É ùnicamente porque o Redentor arrostou a maldição do pecado em nosso favor que o homem pode esperar livrar-se, em sua própria pessoa, dos horrendos resultados do pecado. E. G. White. P.P. 573.

A PACIÊNCIA

Por Alfonsas Balbachas

A paciência é um dos degraus do progresso cristão.

Ter paciência significa saber sofrer. Todos sofrem, mas apenas poucos sabem sofrer. Quem comenta e lamenta o seu sofrimento duplica-o, e quem o contempla com olhos apreensivos o decuplica.

Certa vez alguém, para ilustrar êste fato, pôs um ponto negro num pedaço de papel, e, dirigindo-se ao seu companheiro, disse-lhe, apontando para o ponto: "Êste é o mal no sentido genérico. Se ponho nêle minha atenção, já constato em tôrno dêle um círculo. O ponto já se torna maior. Se o considero com pessimismo e temor, a mancha fica aumentada de mais um círculo. Se contínuo preocupado e apreensivo com a mancha, ela sòmente aumenta. Quanto mais me preocupo com os sofrimentos e me esforço para dêles me desenvencilhar, tanto mais êles crescem. Não seria portanto melhor deixar o ponto como está?"

"A dor se exagera, se imagina, se antecipa", escreveu Sêneca. Não convém portanto edificarmos um segundo andar sôbre a nossa tristeza, entristecendo-nos de estarmos tristes. Freqüentemente vemos indivíduos encolerizarem-se com alguma coisa e tornarem depois a encolerizar-se contra si mesmos por se terem antes encolerizado por coisas triviais.

O aborrecimento, se lhe queremos dar lugar, é como uma pedra que, lançada na

água, forma ondas circulares, umas após outras, que se expandem até a margem. Os males que causam aborrecimentos homem algum os pode evitar. O que se pode no entanto evitar são os aborrecimentos que decorrem dêsses males. Não podemos evitar que existam pedras pelo caminho. Sòmente que não devemos lançá-las no lago das nossas preocupações, pois os círculos concêntricos que aí se formariam e se ampliariam irrefreadamente, apenas aumentariam nossos sofrimentos.

Quem sabe sofrer sofre menos. Sabe aceitar o mal tal qual se apresenta sem acrescentar-lhe as arestas que trazem um aumento de preocupações e apreensões. Reduz o sofrimento à sua expressão mais simples; aliás vai mesmo além disto: diminui o sofrimento pelo pensamento bem dirigido em sentido contrário, e chega a esquecer-se da dor para não mais a sentir.

"Guarda-te", escreveu Sêneca a Lucílio, "de agravares tu mesmo os teus males e de piorares tua posição pelas queixas. A dor é leve quando a opinião não a exagera; e se se toma coragem para dizer: — isto nada é, ou: isto é pouca coisa, saibamos suportá-la, ou: isto logo passará, — alivia-se a dor sob a fôrça de crê-la leve."

A dor se torna leve quando se sabe encará-la como tal, quando não se desenham ao seu redor os círculos concêntricos anteriormente mencionados, quando não se multiplica a dor pela lamentação e pelo temor.

O temor do sofrimento, quer moral quer físico, leva muitas pessoas ao alcoolismo. Sua sensibilidade porém aumenta ainda mais sob a influência do veneno e termina numa incrível hiperestesia tanto física como moral, e o indivíduo se torna como um gato escaldado que até de água fria tem mêdo.

Os sofrimentos mais duros não são os físicos; são os morais. O homem suporta mais fàcilmente uma dor de reumatismo do que uma picada nos melindres do "eu" ou um assalto de pensamentos melancólicos. Neste último caso o próprio centro da mentalidade é atingido.; o inimigo penetra na fortaleza; e custa-nos muito mais desalojá-lo dali.

Mas é perfeitamente possível desalojarmos da sede dos pensamentos o aborrecimento. A nossa individualidade não é em certo sentido um sujeito simples. Há em nós como que um desdobramento da personalidade. No decorrer da nossa vida mantemos contínua conversação com nós mesmos e lhes respondemos; propomonos questões e as resolvemos; fazemos a nós consultas e tomamos deliberações.

Existe em nós, por assim dizer, uma primeira individualidade íntima e uma segunda individualidade expansiva. É no isolamento do primeiro, de modo a tornar-se inacessível às sugestões do segundo, que reside essa fôrça de resistência aos pensamentos aborrecedores, essa aptidão para diminuir o sofrimento. Há portanto um meio de não permitir ao sofrimento penetrar no âmbito da primeira individualidade, da individualidade íntima. Essa individualidade permanece incólume como o cerne de um lenho mergulhado num líquido corante.

A questão aí não é absolutamente escapar do sofrimento, mostrando-lhe completa indiferença, como ensinava Epicurio. Êsse filósofo grego renunciou ao casamento para não complicar os problemas da sua vida; êle achava que já tinha muito que fazer para assegurar sua própria tranquilidade e portanto não queria ter uma sobrecarga no sentido de preocupar-se ainda com a tranqüilidade dos outros. Esquecia-se, porém, de que, nos ramos da roseira, não há sòmente espinhos, mas também flôres; esquecia se de que o amargor, sob muitos aspectos, é acompanhado de doçura; esquecia-se da influência educativa do sofrimento no sentido de que o mesmo introduz nas relações humanas a longanimidade, o altruismo, a piedade, a paciência , a coragem. Se bem que, por um lado, devemos evitar todos os aborrecimentos para sabermos sofrer, devemos,

por outro lado, evitar o estoicismo que sôbre a nossa alma agiria à guisa de clorofórmio, pois assim desapareceriam tôdas aquelas virtudes. A dor do estoicismo passivo domina-se pela alegria do cristianismo ativo, que exalta a coragem e nos dá prazer na luta.

A paciência, em face dos eventos ineluctáveis, é o único remédio. Quando nos achamos diante do inevitável, só há um caminho aberto: a resignação. Nós como cristãos deveríamos saber submeter-nos alegremente ao que a Providência permite nos sobrevenha. Pelo aborrecimento não podemos mudar a situação para melhor; sòmente a agravamos. Portanto, só tira vantagem aquêle que para si assegura uma resignação tranqüila.

A paciência do homem se mostra especialmente nas suas relações com os seus semelhantes. Aí é que êle revela sua falta do poder da resignação, sua falta de adaptação aos problemas inevitáveis da vida. O homem amiúde sofre em virtude da conduta errônea dos seus semelhantes. Na proporção em que os atos dos outros são contrários aos seus interêsses, o seu próprio bem-estar é prejudicado, e êle não se contém muitas vêzes de atribuir-lhes intentos malévolos e de pagar-lhes com a mesma moeda. Fica irado. Esquece-se de que a ira, uma paixão diretamente contrária ao sentimento de solidariedade, é mais desastrosa para aquêle que a ela se entrega do que para aquêle que dela é objetivo.

Na presença daquêles que nos prejudicam devemos saber evitar sermos contagiados pelo mesmo espírito que nêles censuramos. Devemos permanecer calmos, pacientes ,porém não indiferentes. É preciso mais fôrça moral para mantermos a calma do que para nos entregarmos à ira. Se aquêle que nos prejudica é refratário aos nossos conselhos, devemos dêle afastar-nos. Se, ao contrário, tivermos a possibilidade de modificar-lhe a disposição de espírito, devemos fazê-lo com brandura, expondo-lhe claramente a situação recíproca.

Antes de tudo, porém, devemos ter a certeza se nós mesmos não estamos errados. Devemos estar sempre prontos a reconhecer os nossos próprios erros. Errar é humano, perseverar no erro é diabólico, reconhecer o êrro é sábio, perdoar o êrro é divino. Devemos também lembrar-nos de que ações que pareçam legítimas aos olhos podem não o ser em realidade, e também que o outro poderá sinceramente interpretar nossa ação a uma luz desfavorável. Por isso não devemos ser demasiado rigorosos com êle.

Não é sòmente em face da malevolência dos outros que nos impacientamos. Impacientamo-nos amiúde com certos gestos inocentes dos nossos semelhantes, sem sabermos que nós também poderemos estar com outros gestos inocentes impacientando nossos semelhantes, sem que disto nos demos conta. Às vêzes temos falta de paciência para com os nossos próprios familiares, mesmo quando se acham enfermos. Estamos prontos a achar exageradas as suas exigências. Mas quando nós caímos doentes, reclamamos tantos cuidados menores e nem nos lembramos de que estamos fatigando aquêles que nos atendem.

Quando alguém quer morigerar-nos e levar-nos a melhores sentimentos, parece que suportamos mal esta interferência em nossa vida, e o outro precisa pôr "luvas de sêda" para falar-nos. Quando nós, porém, cremos desempenhar o papel de educadores, queremos ser compreendidos e obedecidos imediatamente, e é com um tom de severidade que apresentamos nossas observações. Precisaríamos neste caso duvidar um pouco mais da nossa infalibilidade e exercer um pouco mais de paciência na correção da mentalidade dos outros. E antes disto precisaríamos experimentar nossa aptidão educadora em nós mesmos. Precisaríamos antes adquirir para nós êsse domínio próprio cuja ausência nos outros tão impacientemente censuraríamos.

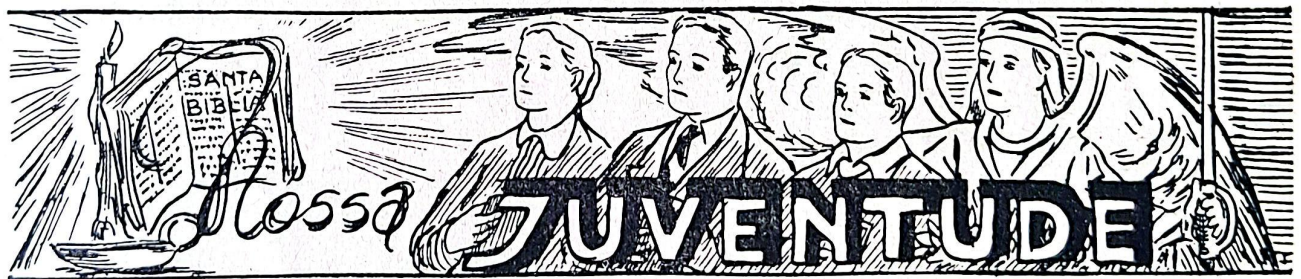
Como crianças impacientamo-nos de não sermos bem sucedidos no trabalho, em

vez de recomeçarmo-lo com mais calma e mais paciência.

Sofremos, não só os males do presente, mas também os do passado, quando lamentamos acontecimentos que ocorreram independentemente de nossa vontade, ou quando temos pesar pelas faltas que nós mesmos cometemos, há tempos. Invocando essas entristecedoras imagens mentais, arrastamos conosco um fardo de tétricas recordações, sôbre as quais deveríamos há muito ter passado a esponja do esquecimento.

O pesar é a lembrança de um êrro passado, com o censurador sentimento de que poderíamos ter evitado êsse êrro se tivéssemos sido mais cautelosos. Mas para que serve êsse pesar contínuo senão para nos levar à decisão de no futuro evitarmos a reincidência no mesmo êrro? Uma vez reconhecida a falta e tomada a resolução, o pesar não tem mais razão de ser.

Das nossas faltas devemos certificarnos com uma contrição salutar, mas não devemos perdurar num estado de contrição de alma, penosa e prejudicial tanto para aquêles que nos circundam como para nós mesmos. O pesar é como o cão do pastor de ovelhas que dá uma mordida àquela que se desgarra do aprisco e que continua a mordê-la ainda depois de ela já estar reconduzida para o redil. A melhor coisa é sentir até o fundo da alma a acuidade da justa censura que se recebe e nada diminuir da contrição que vem do reconhecimento sincero da culpa. O golpe deve ser rápido e eficaz. Desde que reconheçamos sinceramente nossa falta, é justo descermos por um declive abrupto ao vale da contrição, mas chegando lá em baixo, devemos, com corajosa resolução, subir por outro aclive abrupto, e com otimismo pôr mãos à obra de reparação.

É de uma paciência incansável que necessitamos para sabermos suportar dia a dia tudo o que esta vida nos traz: a doença, o fracasso financeiro ou profissional, as contrariedades, os sofrimentos morais, sendo êstes últimos tanto mais amargos quanto mais oriundos das nossas próprias faltas. Como o piloto que conserva o navio em meio aos escolhos e à tempestade, devemos nós manter a calma e a paciência em meio a todos os contratempos. Saber sofrer é a primeira e última condição da paciência vencedora.

DEVER E EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE CRISTÃ

Por Herminio Rodríguez

Todo ser racional é responsável quando, com o conhecimento de causa, está normalmente obrigado a responder por uma pessoa ou coisa. Porém, a obrigação se chama dever, e a norma dêste é a boa consciência, donde resulta que o dever nos põe em relação com Deus, com o próximo e conosco mesmos. E, a Juventude Cristã, na atualidade, tem um sagrado dever a cumprir para com Deus, para com seu próximo e para consigo mesma.

Qual é êsse dever cristão confiado à juventude? As Sagradas Escrituras, nos dizem: "Para tôdas as coisas há um tempo, e... tudo tem o seu tempo". E a juventude não deveria prescindir dêste atributo, como lemos mais adiante: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mo-

cidade" ...". Ecl. 3:1; 12:1. E, de maneira especial, a parte do Redentor do mundo, o mando é: "Ide por todo o mundo; pregai o Evangelho a tôda a criatura..." "ensinai a todos", "ensinando-lhes que guardem tôdas as coisas que vos tenho mandado". (Mar. 16:16; Mat. 28:19, 20). Êste é o dever que repousa diretamente sôbre os ombros da juventude do povo de Deus. É o dever de trabalhar pela salvação de um mundo inteiro da satânica escravatura.

Como facilitar o desempenho desta importante missão? É a pergunta que brota dos lábios da realidade. A resposta lógica, proveniente da boca da sabedoria, nos dirá: Mediante uma verdadeira EDUCAÇÃO.

A Palavra inspirada nos admoesta constantemente com respeito a uma melhor preparação de nossa juventude, para levar as Novas da salvação a todos os confins da terra. Diz o Espírito de Profecia: "Se Deus tem chamado homens para que sejam seus colaboradores, é igualmente certo que os tem chamado para que procurem obter a *maior preparação possível* para representar devidamente as verdades sagradas e elevadoras de Sua Palavra."

A mais elevada de tôdas as ciências é a de salvar almas. A maior de tôdas as obras a que os seres humanos podem aspirar é a de levar os homens do pecado à santidade. E necesitamos compreender que "para levar a cabo esta obra, é preciso um fundamento. Necessita-se de uma ampla educação".

Vemos a necessidade de alentar idéias mais elevadas sôbre a EDUCAÇÃO, e de empregar homens adestrados no ministério. Os que não são corretamente educados antes de entrar na Obra de Deus, não são competentes para aceitar esta santa missão, e ainda menos para levar a cabo a Obra de Reforma.

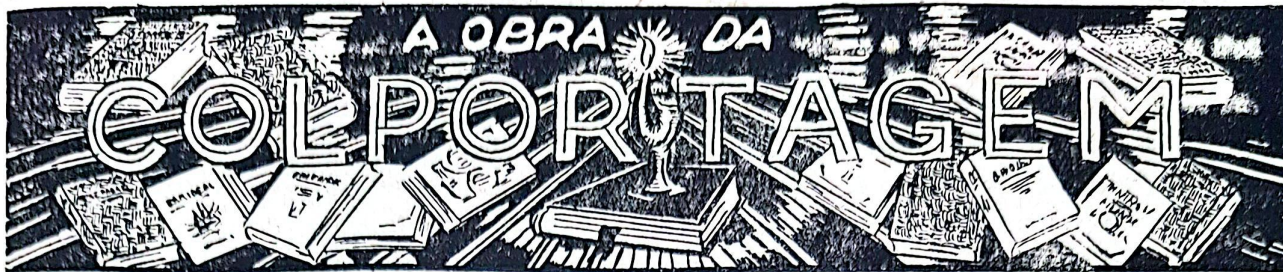
"Aos jovens de hoje, da mesma maneira que a Timóteo, são dirigidas as palavras: "Procura apresentar-te aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneje bem a palavra da verdade" II Tim. 2:15. OE:65. Nosso Salvador "está atualmente pedindo jovens..., que sejam fortes e ativos de mente e de corpo. Deseja que êles tragam para o conflito contra os principados e potestades e as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais, as fôrças frescas e sãs de seu cérebro e de seu corpo. Mas êles precisam de receber o necesário preparo." OE:67.

"Grande dano é causado a nossos jovens com o permitir-se-lhes que preguem quando não tem suficiente conhecimento das Escrituras para apresentarem nossa fé inteligentemente. Alguns que entram no campo são noviços nas Escrituras. Também a outros respeitos são incompetentes e ineficientes. Não podem ler a Bíblia sem hesitação, pronunciam mal as palavras, misturando-as de maneira que a palavra de Deus é prejudicada." OE:68.

Isto nos leva a compreender que a juventude Cristã, para cumprir com eficiência o sagrado dever que se lhe tem encomendado requer, ou, é indispensável, que passe pelo maravilhoso processo que consiste em: "é o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais". E:13.

É a lei de Deus que a fôrça, tanto para o corpo, se adquira por meio do esfôrço. É o exercício que desenvolve. De acôrdo com esta lei, Deus proveu em Sua palavra os meios para o desenvolvimento mental e espiritual.

"Aquêles que lançam mão do serviço devidamente, experimentarão a necessidade de ter Jesus consigo a cada passo, e sentirão que o cultivo do espírito e das maneiras é um dever para consigo mesmos, e exigido por Deus, — dever que é essencial ao êxito da obra." OE:74.

E, sòmente assim com o desenvolvimento das faculdades mentais e espirituais, chegará a Juventude ao "verdadeiro crescimento" na graça e no "conhecimento de Deus, e de Jesus Nosso Senhor". II Pedro 1:2.

A COLPORTAGEM

Por Samuel Monteiro

"Lança o teu pão sôbre as águas, porque depois de muitos dias o acharás". Ecl. 11:1.

Estas são palavras inspiradas, proferidas pelo grande sábio Salomão, e revelam fielmente a obra da colportagem.

Os livros levados por tôda parte, não podem ser comparados com outra coisa melhor do que com pão lançado sôbre as águas. O pão espiritual é lançado, passa-se o tempo, quando não mais se pensa no mesmo, surgem interessados, e às vêzes grupos de pessoas desejosas de seguir a verdade. Uns foram despertados por um livro ou uma revista, e outros até por um folheto.

Que diríamos se não tivéssemos os valorosos colportores, que sacrificam a comodidade, a companhia dos seus entes queridos, e vão aos lugares mais longínquos, enfrentando tôda espécie de agruras, entrando em contacto com tôdas as classes de pessoas, desde as mais cultas, até as mais indoutas, recebendo muitas vêzes a porta na cara, etc. É considerado muitas vêzes como um vagabundo, mas, como um navio em meio à tempestade, luta, vence e marcha para a frente, com os olhos fitos em Jesus, tendo sempre em mente que, no final receberá a recompensa, e também verá que escolheu a melhor carreira.

No "Colportor Evangelista", página 10, a irmã White, por inspiração divina, diz:

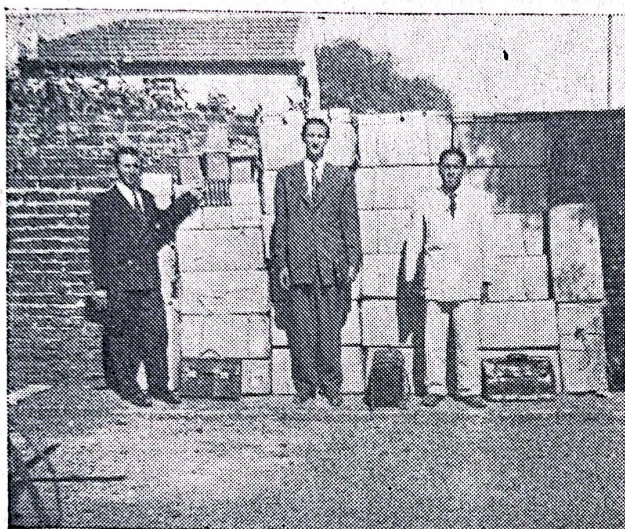
"Chegou o tempo de se fazer uma grande obra, por intermédio dos colportores. O mundo dorme, e como atalaias êles devem fazer soar a campainha de advertência, afim de despertar os dormentes ao reconhecimento do seu perigo".

Entrando em contacto com tôdas as classes, o colportor tem a oportunidade de falar-lhes sôbre a verdade e encaminhá-las a Cristo, obra esta que em outro ramo jamais poderia ser feita.

Aos jovens que ora estão lendo estas linhas, lanço um apêlo: Porque não tomais hoje mesmo o vosso lugar ao lado dêstes valorosos soldados de Cristo, para também fazerdes vossas experiências? Por que deixais para mais tarde o que podeis fazer hoje? Encontramos no Espírito de Profecia, que a situação vai piorar mais e que o trabalho que não fizermos em tempos de paz teremos que fazer em tempos de dificuldades.

Se pensarmos no grande sacrifício de Cristo feito por nós na cruz do Calvário, veremos que tudo o que fizermos é insignificante.

As experiências feitas pelos colportores são muitas, e os resultados só o futuro os poderá revelar, mas sempre é bom relembrarmos algumas, para estímulo de outros. O autor desta, quando colportava numa das cidades do Estado do Rio Grande do Sul, teve a oportunidade de entrar em contacto com uma família que pertencia à igreja Metodista, e, ao estudar com a mesma, esclarecendo os pontos básicos da nossa fé, qual não foi sua surpresa, no segundo sábado, ao ver essa família observando o santo dia do Senhor e poder junto com ela realizar os estudos da escola sabatina.

Uma das filhas dessa família logo se decidiu também. Pediu à patroa a conta, pois não queria mais trabalhar aos sábados. Qual não foi a surpresa dela, ao ouvir a patroa dizer-lhe, em resposta: "Por êste motivo não precisa sair, pois pode continuar trabalhando durante a semana, e no sábado eu fico sòzinha". Deus operou maravilhosamente. Com o passar do tempo, vieram dificuldades. Uma das

Entregas feitas em Alegrete, R. G . S., de 26 a 30 de novembro de 1956, pelos colportores José Tuleu, Martins Venancio da Silva e Francisco Devay

filhas da casa, que era uma coluna da verdade, faleceu; mas, apesar de no sábado ter sido efetuado o entêrro, a outra filha realizou a escola sabatina. Se bem que perdeu a irmã, permaneceu firme, dando testemunho de sua fé nas águas batismais em maio do ano passado.

Para a mesma cidade, durante o ano passado, foram enviados os irmãos José Tuleu e Francisco Devai, para colportar e ao mesmo tempo procurar almas extraviadas.

Ao chegarem lá, logo começaram a fazer reuniões na casa dessa irmã, e, com o auxílio de Deus, e com a cooperação de um projetor, logo conseguiram bom número de assistentes, dos quáis vários se despertaram para a verdade, e dois já decidiram sair a procura de outros, pelo digno trabalho da colportagem.

Queira Deus abençoar estas almas para que permaneçam firmes até aquêle dia em que Cristo há de vir e trazer a recompensa para dar a cada um segundo as suas obras.

Deixo a todos, em conclusão, as palavras que se encontram em Apoc. 22:17, que rezam:

"E o Espírito e a espôsa dizem: Vem. E quem ouve diga: Vem. E quem tem sêde venha; e quem quizer, tome de graça da água da vida".

Oxalá que êste convite de Cristo, comova os corações, para que, como Isaías, sejam levados a dizer: "Eis-me aqui, envia-me a mim". E queira Deus ajudálos a fazer sua parte, para que em breve a obra seja terminada e nosso amado Salvador venha nas nuvens dos céus, para dar a cada um o devido galardão.

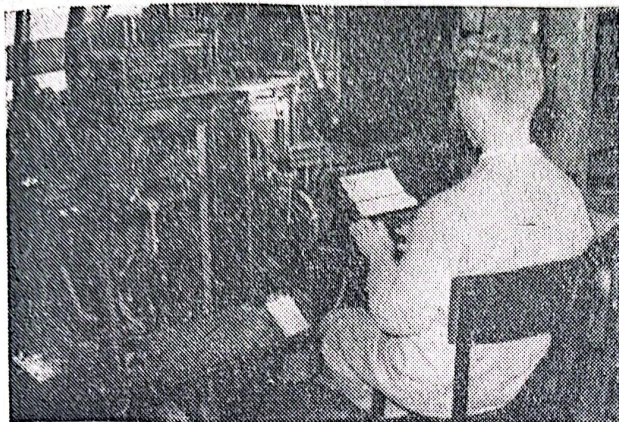
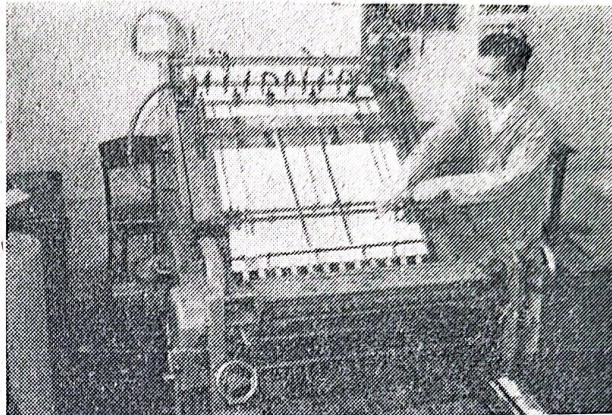
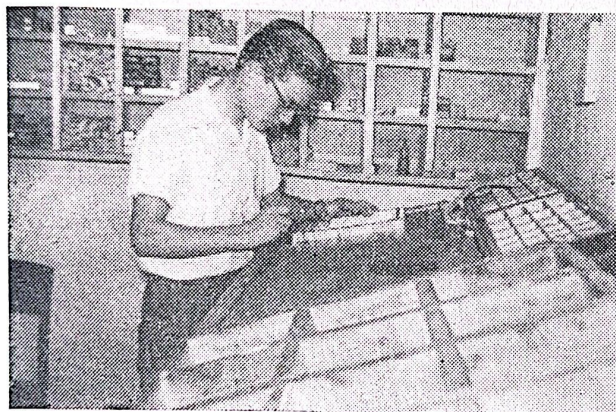
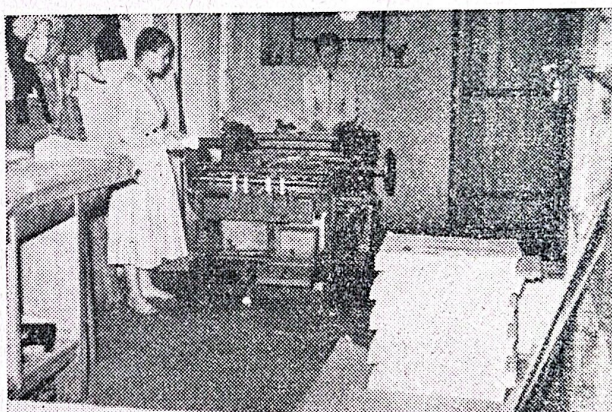
São êstes os meus sinceros votos.

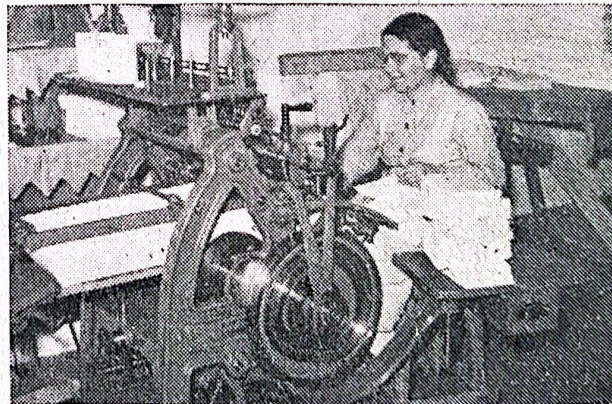
PEDIMOS COOPERAÇÃO

Como se acham diante de nós perspectivas de normalizar a saída da nossa revista "Observador da Verdade", o que até agora não foi possível devido às circunstâncias do trabalho predominantes na Editôra, pelo que rogamos as escusas de todos os irmãos, desejamos agora pedir a colaboração de todos, especialmente dos obreiros, dirigentes e colportores, afim de que a nossa revista se torne mais interessante para todos. Não queremos enchê-la sòmente com artigos de fundo doutrinário e admoestador; queremos incluir também algumas colunas de notícias várias. Por isso rogamos que conosco cooperem, enviando-nos

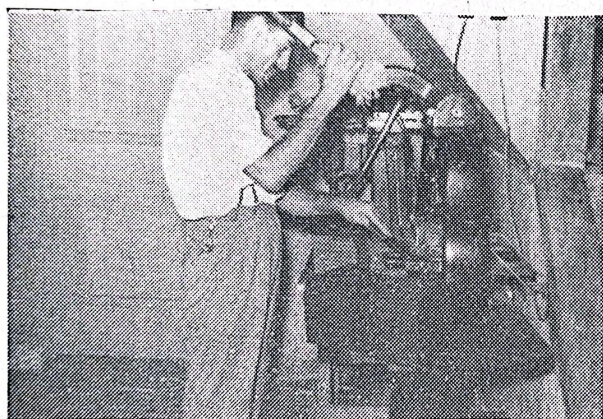
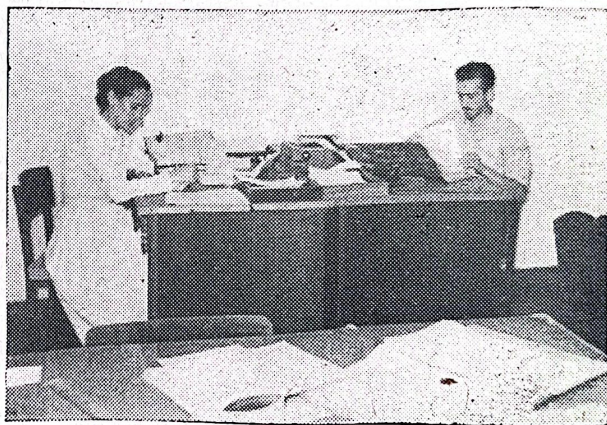
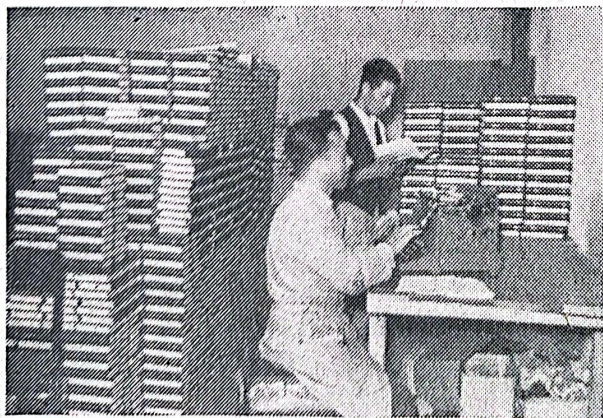
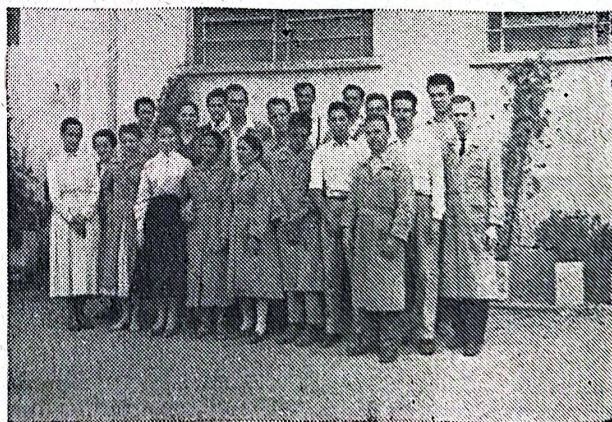
a) Relatos de experiências edificantes;
b) Notícias de falecimentos (a cargo dos obreiros);
d) Fotografias;
e) Recortes de jornais e revistas, de assuntos que interessem às nossas revistas "Observador da Verdade", "O Fiel Orientador" ou "Conselheiro da Boa Saúde".

(Cont. na pág. 16).

ATIVIDADES DA EDITÔRA

Linotipia — Compondo nossa literatura contendo a Verdade Presente

Impressão — Imprimindo livros, revistas, etc.

Tipografia — Paginando nossa literatura

Dobragem — Dobrando as fôlhas impressas para a confecção dos livros

Impressão — Imprimindo vários trabalhos miúdos

Costura — Costurando livros.

Corte — Cortando livros com a guilhotina

Despacho — Pacotes de livros prontos para despacho

Douração e gravação — Preparando capas para a encadernação.

No escritório

Expedição — Preparando encomendas para despacho.

O grupo de funcionários da Editôra.

O DOM DE PROFECIA NA IGREJA CRISTÃ — XII

Por J. N. Loughborough

O objetivo especial destas dissertações é apresentar alguns dos motivos que temos para crer que o dom que possui a Sra. White é obra do próprio Espírito de Deus. Parece que seria bom falar primeiro das visões mesmas para ver se elas se parecem às descritas na Bíblia.

Durante os últimos quarenta e oito anos o escritor teve o privilégio de ser testemunha ocular, em cêrca de cinqüsnta ocasiões, das referidas manifestações feitas por meio da Sra. White, tendo ouvido a declaração de quantos conheceram desde o princípio a história das mesmas.

Mas antes de entrar em considerações talvez fôsse proveitoso descrever a maneira como começaram as visões da Sra. White. Asseguro que em tôdas as visões por mim presenciadas nunca houve variação de maneira nos pormenores que dou a seguir: Quando vinha sôbre ela a bênção da presença do Espírito Santo com poder, dava três gritos, pronunciando três vêzes a palavra *Glória!* O primeiro grito parecia vir da parte superior do compartimento, acompanhando sensìvelmente do poder de Deus, que comoveu a todos cujos corações eram susceptíveis ao Espírito Santo. O segundo grito parecia soar a maior distância e o Espírito afetava ainda mais profundamente os circunstantes. O terceiro grito se ouvia de muito longe, como a voz que se perde à distância; e com êste se sentia ainda mais o poder do Espírito em maior grau, fazendo pensar no dia de Pentecostes, quando o Espírito "encheu tôda a casa em que estavam assentados." Atos 2:2.

Depois do terceiro grito parecia que por espaço de meio minuto ou mais a senhora perdia completamente a fôrça. Se o poder do Espírito vinha sôbre ela enquanto estava de pé, não caia ao solo de repente, mas gradualmente, como se mãos invisíveis abaixassem-na assim. Uma vez entrada em plena visão, as pulsações do coração e o movimento do pulso eram normais; mas os exames mais exatos e diligentes que faziam os médicos não descobriram nela sinal algum de alento. A pele nada perdia de sua côr e aspecto, naturais, os olhos ficavam abertos com a vista dirigida para cima, não porém com um olhar vazio nem tampouco fixo, mas inteligente. Volvia-o em diversas direções, e seu olhar só diferençava do natural no que parecia estar contemplando algum objeto distante. Após um momento de debilidade vinha à senhora uma fôrça sôbre-humana e às vêzes se punha de pé e andava no quarto fazendo graciosamente movimentos com os braços para a direita e para a esquerda; e em qualquer posição em que permanecessem o braço não era possível nem a homens fortes movê-lo uma polegada.

Quando consideramos o relato bíblico de visões concedidas aos servos de Deus, achamos muitos pormenores relativos à condição física da pessoa em êxtase. No caso do apóstolo Paulo, anotado em sua epístola aos Corintios, diz êle: "passarei às

visões e revelações do Senhor". II Coríntios 12:1. Pelo versículo 7 se entende que Paulo se refere a si mesmo e a suas próprias visões. Diz êle: "E para que me não exaltasse pelas excelências das revelações , foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de me não exaltar." Verso 7.

De suas visões êle mesmo diz: "Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei: Deus o sabe) foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar." Versículos 2-4. A Bíblia inglêsa na margem: "não lhe é possível dizer."

Quando a Paulo foi permitido ver cenas celestiais, parecia-lhe como se êle mesmo houvesse subido ao céu. O mesmo caso do apóstolo João (Apocalipse 4:1). Paulo perdia todo conhecimento das coisas terrestres que o rodeavam, enquanto durava a visão e só podia testificar do que havia visto nela.

Os exames mais diligentes que se fizeram na Sra. White, estando ela em visão, fizeram com que os céticos dissessem que ela nada sabia do que acontecia ao seu redor. Espetaram-lhe as mãos com agulhas sem que ela opusesse a menor resistência; puseram de repente uma vela acesa perto de seus olhos de modo que se lhe chamuscaram as sombrancelhas, e tocaram sua pupila com a ponta do dedo, sem conseguirem que ela pestanejasse nem resistisse o mínimo. Aquêles que realizaram as experiências concluíram exclamando: "Ela nada sabe do que se passa ao seu redor!".

(Cont. da pág. 12)

A propósito, esclarecemos que a Editôra recebe o que quer que se lhe envie, porém reserva-se o direito de escolher, dentre o que lhe fôr enviado, o que convier à publicação. Com isto queremos dizer que, se alguém nos enviar qualquer coisa para publicação e não a publicarmos, nem por isso deixa de continuar a prestar-nos sua colaboração. Algumas vêzes poderá dar-se o caso de reservarmos certos relatos de experiências para publicação futura, e, por isso, quem nos prestar sua colaboração, a qual esperamos de todos, não deverá fazê-lo com a esperança de que tudo o que nos enviar será publicado imediatamente.

Desde já agradecemos a colaboração solicitada e contamos em poder melhorar grandemente a nossa revista, para melhor servirmos os irmãos.

Os irmãos da Editôra

Observador da Verdade

Boletim oficial da União Missionária dos Adventistas do Sétimo Dia, Movimento de Reforma no Brasil, com sede à rua Tobias Barreto, 809
São Paulo —— Brasil

Diretor: *André Lavrik* — Redator responsável: *Ascendino F. Braga.*
Escritório: Rua Tobias Barreto, 809 — Telefone: 9-6452
Redação, Administração e Oficinas: Rua Amaro Bezerra Cavalcanti, 21
Vila Matilde —— São Paulo
Correspondência à: Editôra Missionária "A Verdade Presente"
Caixa Postal 10.007 — São Paulo